

***Binge-watching* e o Modo Narrativo da Série de Ficção**

Beatriz Holanda dos Reis Dantas de Góes
Mestranda em Meio e Processos Audiovisuais
Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São paulo

Abstract:

Este artigo propõe-se a descobrir se o ato de *binge-watching*, popularizado pelas plataformas de streaming, favorece determinado modo narrativo em uma ficção seriada em detrimento de outros. Baseado nos quatro modos narrativos de série de ficção descritos por Jason Mittel em seu livro *Television and American Culture*, buscaremos identificar, neste trabalho, qual desses quatro modos de narrar encontra-se em maior destaque nas séries feitas originalmente para as plataformas de streaming.

Palavras-chave: ficção seriada; binge-watching; streaming; serializado.

1. Introdução

A ascensão das plataformas de streaming como uma nova forma de consumir diferentes mídias trouxe mudanças na nossa maneira de buscar entretenimento; essas mudanças podem ser vistas com mais notoriedade especialmente nas séries de ficção. Entretanto, estas mudanças não parecem impactar apenas a maneira de se consumir essas séries, mas também a maneira de produzir e de construir a narrativa destas séries de ficção.

A Netflix, considerada pioneira no ramo de produção de conteúdo original para plataformas de streaming, fez emergir um termo chamado *binge-watching* que, traduzido do inglês ao pé da letra, seria algo como “assistir com devoção” e é comumente referido em português como maratonar. Este ato costuma responder à uma maior devoção no exercício de consumir as séries: as pessoas podem ficar horas contínuas assistindo a uma mesma série, consumindo um episódio após o outro ininterruptamente.

De acordo com o teórico Jason Mittel - que tem um extenso trabalho de estudos de séries de ficção na televisão americana - existem quatro modos narrativos que podem ser encontrados em uma ficção seriada: antologia, episódico, serializado e serializado episódico. Vale ressaltar que essas quatro formas de narrar não foram pioneiramente categorizadas por Jason Mittel, outros teóricos amparam esses modos narrativos seriados, como Pamela Douglas, Kristin Thompson, David Bordwell e até mesmo Peter Brooks. O

trabalho de Mittel será priorizado neste artigo devido ao seu empenho e didatismo na conceituação desses quatro modos narrativos para as ficções seriadas.

O objetivo deste trabalho é identificar qual modo de narrar nas séries de ficção é a mais favorecida pelo ato de *binge-watching*. Alguns teóricos, como Pamela Douglas, já indicam que a narrativa serializada é a que mais se favorece dessa nova forma de assistir e consumir episódios de uma ficção seriada. Amanda Lotz é outra que defende este mesmo princípio: “Streaming services such as Amazon Video and Netflix that would become ideal platforms for serialized narratives and pay rich licensing deals for buzz-worthy content were just developing”. (2018, p. 219). Esta questão será explorada neste artigo, buscando identificar, a partir das quatro formas de narrar para a televisão elaboradas por Mittel, se o ato de *binge-watching* nas plataformas de streaming favorecem uma forma de narrar em detrimento de outras.

Após destrincharmos os quatro modos narrativos possíveis em uma ficção seriada (antologia, episódico, serializado e serializado episódico), vamos analisar a experiência do espectador consumindo uma série por meio de uma plataforma de streaming e, principalmente, conceitualizar o que é *binge-watching*. A partir das obras de Mareike Jenner, Amanda Loz e Jonathan Gray, vamos conseguir entender melhor como funcionam os streamings e se a maneira de produzir impacta diretamente na escolha do modo narrativo de determinada série de ficção.

2. Quatro modos narrativos em séries de ficção

Relembrando o nosso objetivo de encontrar qual forma narrativa é mais favorecida pelo ato de *binge-watching*, um primeiro passo é compreender quais são as quatro formas de narrar mais comuns que encontramos nas séries. Este artigo toma como princípio as quatro formas de narrar estabelecidas pelo teórico Jason Mittel, por acreditar não só nos estudos do autor, que se baseia em outros teóricos e teóricas especialistas no assunto, mas também por acreditar que estas quatro grandes categorias narrativas de série conseguem abranger um número grande e, ao mesmo tempo, distinto de obras seriadas.

Mittel, em seu livro, *Television and American Culture*, traz uma tabela para resumir as quatro formas de narrar encontradas na televisão que, por mais que seja simplista, nos serve como uma introdução às quatro formas de narrar que serão exploradas mais abaixo neste mesmo tópico. A tabela abaixo foi feita baseada na tabela presente no livro *Television and American Culture* (p. 230).

Formas Narrativas	Antologia	Série Episódica (procedural)	Episódico Serializado	Série Serializada
Características da Narrativa	Cada episódio conta uma história diferente, modificando também elenco, cenário e até mesmo universo. A relação narrativa entre os episódios se dá apenas pelo tema e/ou tom.	Com os mesmos personagens principais, mas ainda com tramas episódicas independentes. A relação entre os episódios se dá pelo tipo de trama que os mesmos personagens vivem a cada episódio.	Uma mistura entre o episódico e o serializado. Há uma trama maior com relação de causa e efeito entre os episódios, mas cujos episódios ainda contam na maior parte com tramas episódicas e algumas tramas que perduram entre os episódios.	Quando há uma longa narrativa que é contada pouco a pouco a cada episódio e a relação de causa e efeito entre cada episódio é clara e estreita.
Exemplos	Black Mirror, Modern Love, Easy, The Twilight Zone, As Cariocas.	Law and Order, Dekalog, 9-1-1, Carga Pesada, Sai de Baixo.	Friends, This is Us, The Good Place, Cidade Invisível.	Mad Men, The Wire, Game of Thrones, Sintonia, Telenovelas em geral.

Para analisar estas quatro formas de narrar, é usado o conceito de “modo narrativo” de David Bordwell no qual o próprio Jason Mittel se baseia, que indica que “um modo narrativo é um conjunto historicamente distinto de normas de construção e compreensão narrativa” (Mittel, 2010, p. 222). A distinção desses quatro modos narrativos mora na diferença da relação entre os episódios da série, especialmente no quanto um espectador deve ter conhecimento prévio de episódios anteriores para prosseguir acompanhando a narrativa dos episódios seguintes de uma série.

2.1 Antologias

O primeiro modo de narrar muito encontrado na televisão é a antologia. Conhecida já na literatura, a palavra antologia reconhece uma coleção de narrativas, e na televisão diz respeito a séries que trazem uma narrativa completamente diferente em cada episódio. As séries antológicas costumam trazer não só tramas diferentes a cada episódio, mas também personagens diferentes, dando a impressão de que não há relação nenhuma entre os episódios deste tipo de série; nas palavras de Mittel “Every episode presents a closed-off and unrelated storyworld.” (p. 228).

Entretanto, assim como na literatura, as séries antológicas trazem uma espécie de “coleção” de pequenas histórias. “Antologias tradicionais são histórias independentes, como curtas-metragem, desconectados por outro aspecto exceto um recorte” (DOUGLAS, 2018, p. 10). Este recorte, citado por Douglas, costuma ser o tom e o tema; um caso recente e conhecido nos streamings é a série *Black Mirror* (Netflix). Com cinco temporadas, a série *Black Mirror* traz em seus episódios personagens diferentes, mas mantém o mesmo tema de tecnologia. Na visão da autora deste artigo, é como se o nome da série fosse uma espécie de franquia, na qual você consegue identificar episódios de série com o mesmo tom e ritmo, mas que trazem conflitos diferentes. Na série *Modern Love* (Prime Video), temos a temática de relacionamentos amorosos não romantizados como tema, e cada episódio traz uma nova trama dentro deste recorte temático.

A pesquisadora Pamela Douglas inclui como antologias também as séries que trazem uma narrativa diferente por temporada. Por exemplo, a franquia *American Horror Story* traz tramas e personagens diferentes em suas temporadas, como se fosse uma coleção de minisséries. Isto mostra o quanto as Antologias se comportam de fato como uma franquia que produz peças audiovisuais dentro de um mesmo recorte, tema e/ou tom.

Um exemplo nacional deste modo narrativo em ficção seriada é a obra *As Cariocas (TV Globo)*, que, a cada episódio, conta um determinado conflito de uma protagonista diferente, o tema que permanece em todos os episódios é a peculiaridade de cada moradora de determinado bairro do Rio de Janeiro. Um outro exemplo, também nacional, é da série *Vida Como Ela É (TV Globo)*, inspirada nos textos de Nelson Rodrigues, que a cada episódio trazia uma adaptação nova de um texto do autor para a tela. Vale lembrar que, nas séries antológicas, a história é fechada e não há continuidade para ela em outros episódios. Ou seja, o espectador pode iniciar a série por qualquer episódio, ele não se sentirá perdido com relação à narrativa ou terá sua experiência prejudicada.

2.2 Episódico ou procedural:

Muito famosas pelas sitcoms e pelas séries policiais, as séries procedurais são séries nas quais a relação entre os episódios se estabelece não apenas pela temática, pelo tom e/ou pelo ritmo. Aqui, a relação entre os episódios começa a se estreitar: os episódios contam com os mesmos personagens e universo ao longo de todos os seus episódios. Entretanto, não há um conflito central que é aprofundado e avançado ao longo dos diferentes episódios de uma narrativa, e sim um novo conflito que surge e que se conclui em cada novo episódio; por isso o termo “episódico” para as séries, já que a trama é exclusiva de cada episódio.

Um caso clássico são as sitcoms, as comédias de situação. Nas sitcoms, como *I Love Lucy (CBS)* e *Seinfeld (NBC)*, na qual no formato tradicional você contava com personagens que enfrentavam uma determinada situação no seu cotidiano e a solucionavam ao final do episódio. No Brasil, temos o caso da série *Sai de Baixo (TV Globo)*, por exemplo, que pode ser identificada como uma sitcom, um procedural de comédia de 30 minutos. A cada episódio, acompanhamos as diferentes peripécias vividas pelos personagens Cassandra, Magda, Caco, Vavá, Solineuza e Ribamar, sem que haja necessidade de conhecimento prévio da audiência sobre a narrativa dos episódios anteriores.

As séries episódicas fizeram muito sucesso na segunda metade do século XX nos EUA, quando as mesmas eram transmitidas no horário nobre noturno da televisão americana. Entretanto, o modo narrativo episódico não se constitui apenas de sitcoms e séries de comédia. Também podemos ver as narrativas episódicas em outros gêneros e,

mais especificamente, três principais: séries médicas, policiais e jurídicas. Nesses três gêneros, há um certo procedimento que se repete (daí o nome procedural): nas médicas, um paciente chega ao médico e o conflito está em curá-lo; na policial, um crime acontece e ele é solucionado; na jurídica, um caso novo deve ser julgado. Nesses três tipos de série, há um ritual típico no qual uma determinada perturbação atinge os personagens da série, inaugurando um conflito para ser solucionado apenas ao final do episódio.

“Series with closure have a continuing main cast but they also have new situations that conclude at the end of each episode: they close. This is especially true of procedurals like CSI and NCIS. In the past, procedurals were all that was offered on a traditional broadcast television. Before our current era when anything is available online at any time, syndicators and cable channels that ran repeats preferred this kind of show because they could buy large packages and sell them to local and overseas stations that could rerun in any order”. (DOUGLAS, 2018, p. 10)

A citação acima de Pamela Douglas traz informações muito importantes para o objetivo deste texto e para a compreensão da forma de narrar procedural. Como não havia relação direta entre os episódios, era possível que os mesmos fossem comercializados fora de ordem e independente da quantidade. Como, até início do século XXI, não poderíamos assistir aos episódios de uma série quando bem quiséssemos, havia a necessidade de reservar um tempo, imposto pela programação do canal, para assistir àquela série. Como não havia nenhuma garantia de que o espectador pudesse estar ali naquele horário para acompanhar àquela narrativa semanalmente, optou-se por dar uma preferência às séries episódicas durante a segunda metade do século XX no horário nobre da televisão americana. Uma outra informação que Douglas parece sugerir é que as demandas de mercado podem influenciar qual formato de narrar pode ser o mais produzido. Se antes os procedurais eram os mais populares e havia uma influência da maneira de consumir esta mídia nisso, será que a nova maneira de maratona séries influencia esta nova forma? Exploraremos isso nos próximos tópicos.

Um outro caso de série procedural aqui no Brasil é a série *Mano a Mano (Rede TV)* que trazia narrativas episódicas semanais sobre o ex-milionário Marcos que, após a morte do pai, descobria a falência das empresas da família e tinha seus bens embargados, obrigando-o a ir morar na favela com o seu meio-irmão Robinho. Os episódios da séries giravam em torno de conflitos causados a partir da interação entre esses dois irmãos completamente diferentes e da nova realidade que Marcos vive.

2.3 Serializado episódico e serializado

As últimas formas de narrar para séries de TV, o serializado episódio e o serializado, são formas que trazem uma relação ainda mais estreita entre os episódios da série: além de termos os mesmos personagens, universo, tema e tom, agora repetimos também o conflito: acompanhamos uma grande narrativa que é contada pouco a pouco a cada episódio. Mas o que é serialidade? Em seu artigo “Narrativas Complexas na Ficção Televisiva”, os autores Munglioli e Pelegrini conseguem dar luz a uma conceituação complexa; estabelecendo as diferenças entre *serial* e *série*.

A tradição da ficção televisual americana possui duas formas básicas de serialização: a *serial* e a *série*. *Serial* (que, no Brasil, corresponderia à *série*) é o modo em que a narrativa acontece ao longo de episódios, com arcos dramáticos que atravessam diversos capítulos até uma conclusão. É a forma que predomina, por exemplo, nas telenovelas brasileiras. No caso do serial tipicamente americano, geralmente, os limites do arco dramático ocorrem dentro de uma temporada anual. Já a *série* (que corresponderia ao nosso seriado) é a forma em que os arcos dramáticos têm o limite do episódio – o desequilíbrio dramático ocorre no início do episódio e é resolvido no mesmo episódio. (MUNGIOLI E PELEGRINI, 2013, p. 28).

De acordo com os conceitos trazidos pelos autores acima, e pensando nos quatro modos de narrar de Jason Mittel, o *serial* seria um tipo de *série* em que há uma grande narrativa que é contada através de vários episódios; ou seja, uma *série* serializada. Já a *série* seriada, o segundo caso da citação acima, fala de uma *série* episódica e procedural. O termo serializado é atribuído, neste artigo, às *séries* que se prezam em contar uma longa narrativa ao longo de vários episódios (não se restringindo apenas a uma temporada). Nestes casos, um espectador, por exemplo, não poderia iniciar seu acompanhamento da *série* a qualquer momento: ele precisa começar pelo primeiro episódio da *série*, se não, ele provavelmente não conseguirá acompanhar a sequência da narrativa.

The key feature of serial narration is continuing storylines traversing multiple episodes, with an ongoing diegesis that demands viewers to construct a storyworld using information gathered from their full history of viewing (...). Serial programs do provide closure of storylines, but rarely in the same episode in which the plot was introduced. (MITTEL, 2012, p. 230).

Isto nos faz pensar num primeiro tipo de *série*: o serializado episódico. Em seu livro, *Complex TV: The Poetics of Contemporary Storytelling*, Mittel traz a perspectiva

de que uma narração serializada contém tramas que atravessam vários episódios. Esta “diegesis contínua” conta não só com a memória do espectador, mas também com a sua atenção a pequenos detalhes da narrativa que serão recuperados mais a frente. Entretanto, é possível, ainda, contar com uma pequena narrativa dentro do próprio episódio, um conflito que se inicia e termina dentro de um mesmo episódio, ao mesmo tempo em que há uma longa narrativa acontecendo no paralelo.

Esta longa jornada abre possibilidades narrativas diversas, especialmente no que diz respeito ao personagem: é possível explorar melhor os personagens e seus conflitos, por conta do vasto tempo que podemos passar apenas com os conflitos destes personagens, sem nos preocuparmos em contar uma narrativa fechada a cada episódio. As minisséries também costumam ser narrativas serializadas, entretanto, são limitadas a se findarem em determinado episódio. Um exemplo é a minissérie *Boca a Boca* (Netflix), que tem uma narrativa de mistério serializada que se finda ao final de seis episódios.

O serializado, inclusive, lembra muito o romance folhetim: a cada “capítulo”, a grande narrativa avança, e você tem acesso semanalmente ou, no caso da maioria dos streamings, integralmente, aos episódios de uma temporada. Não é à toa que as telenovelas brasileiras são um grande exemplo de narrativas serializadas: uma longa narrativa que se estende ao longo de inúmeros episódios. Entretanto, vamos explorar um pouco mais sobre as telenovelas abaixo. Agora que foi possível compreender quais são os grandes quatro modos narrativos possíveis em uma série de ficção, é necessário entender o que é o *binge-watching* e qual forma parece ser favorecida pelo ato de maratona.

3. As plataformas de streaming e a maratona (binge-watching)

Antes de buscar entender qual forma de narrar é mais favorecida pelas plataformas de streaming, é importante entender o que é o ato de *binge-watching*. O termo, que traduzido do inglês ao pé da letra, seria algo como “assistir com devoção” é comumente referido em português como maratona. Após a chegada das plataformas de streaming e, especialmente, da pioneira Netflix, este termo passou a ser usado com frequência para fazer uma referência ao ato de assistir vários episódios de uma mesma série de forma contínua. A pesquisadora Mareike Jenner dedicou um livro inteiro (Netflix and the Re-Invention of Television) para compreender como esta específica plataforma

de streaming revolucionou a nossa maneira de assistir a obras cinematográficas e, mais especificamente, séries.

Lisa Glebatis Perks (2015) argues that media marathoning consists of an ‘entrance flow’ and an ‘insulated flow’. To apply this to Netflix, suggestions provided through Netflix’ recommendation algorithm are meant to establish an entrance flow and the insulated flow describes the flow of binge-watching. Both serve to organise and structure the viewing experience. (JENNER, 2018, p. 23).

A pesquisadora citada por Mareike Jenner, Lisa Perks, é pesquisadora no âmbito de Mídia e Comunicação, e ela atribui ao ato de maratonar uma espécie de fluxo contínuo “insuflado” entre episódios. Na origem, a própria palavra *binge* tem a ver com vício, então é como se o espectador de fato se envolvesse de forma intensa e quase obsessiva com a série de ficção. E a atividade de maratonar automaticamente nos faz pensar sobre um envolvimento de um espectador com a trama e com os seus personagens a ponto de fazê-lo não ter vontade de interromper o seu contínuo conhecimento sobre os eventos daquele enredo.

A descoberta do prazer de se entender como as tramas vão se entrelaçar e o que vai acontecer a seguir transformou o mercado de ficção seriada americana nos últimos anos. O caso mais conhecido, e mais bem sucedido, é LOST, em que a complexidade narrativa ocorre em sua plenitude ao construir como premissa as incongruências da sobrevivência à queda de um avião, mas também a todas as outras peculiaridades da misteriosa ilha. (MUNGIOLI E PELEGRINI, 2013, p. 30).

Os autores na citação acima relatam como pode haver um prazer e, mais do que isso, uma curiosidade por saber a resolução de um conflito. Esta descrição acima nos faz pensar que, talvez, de fato, o formato serializado seja o mais propenso a funcionar em uma plataforma de streaming para ser consumido por meio de binge-watching. Não há motivos, ainda, para descartar o serializado episódico também, já que ele, da mesma forma, possui uma narrativa que é contada ao longo de vários episódios, mesmo tendo um pequeno conflito que é solucionado dentro do próprio episódio. Amanda Lotz diz que os serializados encontram o seu ambiente perfeito em plataformas de streaming justamente por isso: há uma necessidade de instigar o espectador para assistir ao próximo episódio. Se não houvesse a necessidade de fidelização daquele espectador para assinar aquela plataforma de streaming, ele não teria porque fazer o binge-watching. Se há uma

necessidade de ter um espectador que consome vários episódios de uma vez só, faz mais sentido que esta narrativa seja serializada.

Mas por que o serializado? Porque não uma série procedural ou antológica seria melhor explorada? Aparentemente, diante de uma quantidade de horas que o espectador fica de frente para a televisão, é necessário demonstrar avanço da narrativa. É aqui que o serializado entra: a possibilidade de se aprofundar em personagens, trazer novas camadas e novos conflitos a cada temporada cria a fidelidade e permite que o espectador se envolva ainda mais com os personagens.

Um outro ponto que parece favorecer o uso do modo narrativo serializado ou serializado episódico é uma necessidade de mercado. “Quando você acaba uma série, a Netflix sugere outra, geralmente também serializada” (JENNER, 2018, p. 23). Assim como Douglas já havia apontado que uma necessidade de mercado ditava a predominância do formato serializado, Jenner aponta para esta mesma importância de o mercado ditar o modo narrativo que mais é feito. A grande diferença do serializado para streaming é que os roteiristas e produtores partem da premissa de que o espectador está completamente concentrado no que está assistindo, porque ele escolheu assistir àquilo. Não foi um programa imposto pela grade de determinado canal aberto ou a cabo; o espectador, diante de inúmeras séries a sua disposição, escolheu acompanhar aquela determinada narrativa. Isto implica uma possibilidade maior de incrementar detalhes na narrativa, já que o espectador está completamente concentrado no que está acontecendo na sua tela.

4. Conclusão

No início do texto, partiu-se do princípio de que as plataformas de streaming poderiam favorecer uma determinada forma de narrar das séries de ficção seriadas. Alguns teóricos, inclusive citados neste artigo, afirmam que o ato de binge-watching pode proporcionar a valorização de um modo narrativo serializado, da chamada longa narrativa.

A partir dos quatro modos narrativos definidos por Jason Mittel: antologia, episódico, serializado e serializado episódico; e da compreensão do que é binge-watching e como funciona o mercado de streaming, foi possível analisar como a relação do espectador com a série de ficção muda a tal ponto de, sim, privilegiar um determinado modo narrativo. As conclusões deste trabalho são de que, sim, o ato de maratona, de

fazer *binge-watching*, é mais plausível de acontecer por meio de modos narrativos serializados e serializados episódicos. Tendo pequenos conflitos episódicos também ou não, o importante é preservar uma longa narrativa que é contada ao longo de vários episódios da série.

A preferência do modo narrativo serializado e se em plataformas de streaming são atribuídos a dois grandes motivos. O primeiro deles trata-se de uma possibilidade de aprofundamento da narrativa: o espectador tem a sensação de que está avançando na narrativa ao ver que o conflito, as tramas e os próprios personagens desenvolvem-se e desdobram-se em novas situações.

O segundo motivo é atribuído a uma justificativa mercadológica: pela necessidade de manter o espectador fidelizado à determinada plataforma de streaming, cria-se uma suspensão de informações não só entre um episódio ou outro, mas também entre uma temporada ou outra.

While television audiences have been able to “binge” shows since as early as the VCR, television wasn't produced with such audiences in mind. By contrast, the term “season” has been rendered quaint by streaming services that are fully aware that many viewers will watch a season in a week or month. Most streaming services’ interfaces are even set up to prod viewers to continue watching subsequent episodes, or to return to them when next logging in. (GRAY E LOTZ, 2019, p. 80)

Visto essa necessidade de trazer o espectador de volta ao serviço, como LOTZ e Gray comentam, o streaming agora precisa preocupar-se com uma longa narrativa que instigue o espectador e prenda sua atenção de uma tal forma que, inclusive, o estimule a retornar ao episódio logo mais. Por este motivo, conclui-se que, possivelmente, os dois modos narrativos serializado e serializado episódio são os modos mais propensos a serem produzidos e consumidos em plataformas de streaming, por conta do seu potencial de maratona.

5. Bibliografia

- DOUGLAS, Pamela. Writing the TV Drama Series. 4th Edition. Studio City, CA. Michael Wiese Productions. 2018.
- GRAY, Jonathan. LOTZ, Amanda. Television Studies. Polity Press. 2nd Edition. Cambridge, UK. 2019
- JENNER, Mareike. Netflix and the Re-invention of Television. Palgrave MacMillan. 1st Edition. 2018.

LOTZ, Amanda. *We now disrupt this broadcast: how cable transformed television and the internet revolutionized it all*. MIT Press. 2018.

MITTEL, Jason. *Television and American Culture* New York and Oxford; Oxford University Press 2010.

MITTEL, Jason. *Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling*. New York University Press. New York. 2015.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. PELEGRINI, Christian. *Narrativas Complexas na Ficção Televisiva*. In: *Revista Contracampo*, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 21-37.

NEWCOMB, Horace. *Perspective IN. The Survival of Soap Operas: transformations for a new media era*. Edited by: Sam Ford, Abigail De Kosnik, and C. Lee Harrington. University Press of Mississippi. 2011.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. PELEGRINI, Christian. *Narrativas Complexas na Ficção Televisiva*. In: *Revista Contracampo*, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 21-37.

SLOOTWEG, Tom. *Modern Classicism in Contemporary Serialized Television*. University of Groningen. 2010.